

Gêneros do discurso e *Sitz im Leben*: a origem comum e a relação entre os conceitos teóricos¹

Speech genres and Sitz im Leben: the common origin and the relationship between theoretical concepts

Francisco Benedito LEITE²



0000-0002-7295-6285

Resumo

O presente ensaio propõe a existência de relações entre a teoria de Bakhtin sobre os gêneros do discurso e o conceito de *Sitz im Leben*, advindo da Exegese Bíblica germânica. A hipótese apresentada é a de que ambos têm em comum a influência da filosofia idealista alemã e, mais particularmente, do Romantismo. Dada a compreensão de que os conceitos advêm de uma mesma fonte filosófica, mas suas aplicações teóricas são realizadas a objetos diferentes, pode-se buscar o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla dos gêneros do discurso, para que este também seja aplicado aos estudos bíblicos, associado ao *Sitz im Leben*.

Palavras-chave: Bakhtin. Discurso. Gênero. *Sitz im Leben*.

Abstract

This essay proposes the existence of relations between Bakhtin's theory on speech genres and the concept of Sitz im Leben of the German Biblical Exegesis. The submitted hypothesis is that both have in common the influence of the German idealistic philosophy and, more particularly, of Romanticism. Given the understanding that the concepts come from the same philosophical source, but their theoretical applications are made to different objects, one can seek to develop a broader understanding of speech genres so that it is also applied to biblical studies, associated with the concept of Sitz im Leben.

Keywords: Bakhtin. Speech. Genre. *Sitz im Leben*.

Introdução

O presente texto se propõe a apresentar a relação entre a teoria sobre os gêneros do discurso de Bakhtin, amplamente conhecido nas áreas de estudo da linguagem, e o conceito de *Sitz im Leben*, desenvolvido pelo teólogo alemão Hermann Gunkel e utilizado para estudos de Exegese Bíblica desde o século XVIII. Pretende-se mostrar a ligação entre os procedimentos utilizados nos estudos de linguagem e nos estudos de Exegese Bíblica, apesar de uma antiga separação de caminho entre essas áreas.

¹ Artigo elaborado a partir da tese de F. B. LEITE, intitulada "Ele Está Fora de Si": Discurso Religioso e Linguagem Popular no Evangelho Conforme Marcos". Universidade de São Paulo, 2019.

² Faculdade Messiânica, Curso de Bacharelado em Teologia. R. Humberto I, 612, Vila Mariana, 04018-031, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: <ethnosfran@hotmail.com>.



Para a realização dessa empreitada, em primeiro lugar, apresenta-se uma breve explicação sobre o conceito *Sitz im Leben*, relacionando-o com os filósofos românticos alemães Lessing e Herder, que desenvolveram as primeiras pesquisas não dogmáticas sobre o evangelho. Em seguida, expõe-se brevemente a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin, associando-a ao conceito de dialogismo, a partir das acepções de Paulo Bezerra sobre o modo como os gêneros do discurso e a história pré-romanesca estão ligadas. Por conseguinte, apresenta-se a relação entre os gêneros do discurso de Bakhtin e a história das formas, área de pesquisa que deu continuidade ao trabalho de Gunkel.

Através dos conceitos utilizados pelos exegetas Martin Franz Dibelius e Rudolf Karl Bultmann, serão estabelecidos pontos de contato com as teorias de Bakhtin, apontando uma relação muito estreita entre as áreas do saber “Exegese” e “Estudos do Discurso”, apesar de não serem ouvidas manifestações na academia sobre esse parentesco entre as duas áreas.

Na conclusão do ensaio, no item “Mais algumas considerações”, serão apresentados pesquisas e estudos produzidos dentro e fora do Brasil, nas áreas de Teologia e Ciências da Religião e, inclusive, na área de Letras, quando o objeto de pesquisa é um texto de gênero religioso, o que indica que a Exegese Bíblica está se abrindo e aceitando novos referenciais teóricos entre seus subsídios de pesquisa.

A origem do conceito *Sitz im Leben* no Romantismo Alemão

Durante o século XVIII, surgiram as primeiras reflexões críticas sobre os evangelhos. No chamado Iluminismo Alemão [alem. *Aufklärung*] – movimento filosófico diferente do Iluminismo Francês –, os filósofos românticos Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) e Johann Gottfried von Herder (1744-1803) tiveram os primeiros *insights* sobre as formas pré-literárias dos evangelhos. De fato, praticamente tudo o que esses filósofos escreveram sobre o evangelho vale, hoje em dia, apenas como referência histórica, pois são informações que a pesquisa atual considera totalmente desatualizadas. Mesmo assim, é interessante observar que os filósofos mencionados deram o pontapé inicial para o futuro desenvolvimento da “história das formas” (Koester, 2005, p. 44), além de terem sido os responsáveis pelas teorias seminais sobre o surgimento do gênero romance.

Herder (2002, p. 97) entende que a língua não foi inventada de acordo com situações individuais; ao contrário disso, segundo sua teoria, a língua é dada como uma realidade social ou, como afirma em outro momento, como “um órgão natural da compreensão”. Assim, as palavras, o léxico e as formas comunicacionais, ou seja, os gêneros, são dados à coletividade dos seres humanos conforme padrões estabelecidos pelas comunidades.

Na esteira dessas reflexões, o estudioso do Antigo Testamento Hermann Gunkel (1862-1932) foi o responsável por desenvolver o conceito de “lugar vivencial” [alem. *Sitz im Leben*] para definir a realidade comunicativa concreta dos gêneros padronizados, os quais futuramente se cristalizariam na literatura bíblica. Sua inspiração estava na filosofia idealista alemã e em perspectivas estruturalistas³, que surgiam em várias partes do mundo ao mesmo tempo e sem relações diretas umas com as outras. É o que exemplifica o estudo do conto maravilhoso de Vladimir Propp (1994, 2003).

³ Dundes (1996) afirma que o estruturalismo é um fenômeno que surge em várias partes do mundo em várias áreas de estudo ao mesmo tempo sem relação necessária entre os estudiosos e antes que surgisse o termo “estruturalismo” para se referir a uma perspectiva específica.

Em sua “Introdução aos Salmos”, escrita em 1933, Gunkel (1993, p. 24) define assim o referido conceito:

As obras literárias de épocas e ambientes primitivos se distinguem das dos povos desenvolvidos precisamente pelo fato de serem concebidas puramente como obras escritas, mas de procederem da vida real dos homens e têm sua realização nessa vida: um grupo de mulheres entoam um canto triunfal ante o exército que volta vitorioso; as carpideiras entoam, junto ao caixão, a comovente canção dos mortos; no átrio do santuário, um profeta faz ouvir sua voz estrondosa ante a assembleia. Esses exemplos, que podem se multiplicar facilmente, são o bastante para determinar que a classificação dos gêneros de uma literatura antiga deve ser feita conforme as diversas circunstâncias vitais em que esses gêneros nasceram.

No mesmo período, o entendimento de que os gêneros estavam relacionados com as atividades humanas também era cultivado para estudo dos gêneros pré-romanescos pelo russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1970), que, a essa altura, estava às margens da academia, vivendo como exilado. A influência comum recebida pelos dois intelectuais é a filosofia alemã.

Os gêneros do discurso segundo Bakhtin

No que diz respeito às teorias de Bakhtin, para tratar primeiro de seus textos escritos entre o fim da década de 1930 e início da década de 1940: “Da Pré-História do discurso romanescos” e “Epos e Romance”, que estão incluídos no livro “Questões de Literatura e de Estética” (Bakhtin, 2010b). Neles, nota-se que “Bakhtin não encara a poética como uma categoria normativa, à la Aristóteles ou Boileau, em que há gêneros ‘altos’ e ‘baixos’ empilhados numa hierarquia fixa, organizada segundo alguma essência atemporal como o ‘bom gosto’”, conforme afirmam Clark e Holquist (2004, p. 293). Além disso, os estudiosos mencionados argumentam que esse modo de compreender os gêneros discursivos trata-se, na verdade, de uma antipoética (Clark e Holquist, 2004, p. 293).

Os estudos elaborados por Bakhtin a respeito da pré-história dos gêneros romanescos também estão relacionados com sua reflexão posterior sobre os gêneros do discurso. Por esse motivo, os estudiosos do pensamento do autor afirmam a existência de uma arquitetura em sua teoria, na qual o fenômeno comunicativo é abordado por vários ângulos, como as formas pré-romanescas, o romance, a comunicação verbal, entre outras formas comunicativas em cujo núcleo está o “dialogismo”.

Para Bakhtin, tratar sobre os gêneros do discurso não significa meramente estabelecer uma classificação para os diferentes tipos de enunciados, mas salientar sua dimensão dialógica, ou seja, sua existência comunicativa como fenômeno que ocorre na esfera dos interlocutores, no efeito do diálogo. Este, por sua vez, é tanto o diálogo concreto quanto a corrente ininterrupta e constante de pergunta e resposta *ad infinitum* que acontece no “longo tempo”, dentro do qual está incluída a literatura. Esse aspecto comunicativo da linguagem, o qual permeia a palavra de todos que se comunicam, é o que o autor nomeia como dialogismo.

Nessa perspectiva, Bakhtin escreve, entre 1952 e 1953, “Os gêneros do discurso” – texto inserido na compilação de artigos de Bakhtin intitulada “Estética da Criação Verbal” (Bakhtin, 2010a) – no qual o autor entende que “[...] gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis do uso da linguagem elaborados pelos campos de utilização” (Bakhtin, 2010a, p. 262). Assim, para compreender os gêneros do discurso, ele concede importância aos “enunciados”, entendendo que representam o modo de

utilização da língua a partir dos determinados campos da atividade humana em que são proferidos por alguém. Por serem concretos, os gêneros refletem condições e finalidades particulares (Bakhtin, 2010a).

Desse modo, Bakhtin propõe que os campos de atividade, que não são realidade individual, mas sim dialógica e, portanto, coletiva, estabilizam os enunciados individuais, formando os gêneros. Estes, no entanto, são “tipos relativamente estáveis”, infinitos porque estão ligados à infinidade das atividades humanas (Bakhtin, 2010a, p. 262). A longa relação deixa claro que cada enunciado é pleno de ecos e de ressonâncias de outros enunciados; cada um deve ser visto, antes de tudo, como resposta aos seus precedentes. Quem fala, escuta, escreve ou lê é sujeito igualmente envolvido e ativo no diálogo e na literatura estabelecida no longo tempo. Por esse motivo, Bezerra (2016, p.151) afirma que “[...] a teoria dos gêneros lança uma ponte entre a concepção de linguística do mestre e a sua teoria literária”.

Segundo Bakhtin, a comunicação seria impossível sem o gênero do discurso, pois os gêneros são formas típicas do enunciado, correspondendo a situações que contribuem para a interpretação e para a compreensão do que será tratado no diálogo. Por isso, se o gênero não for imediatamente dado, a comunicação não é clara – comunicar-se sem revelar o gênero é uma estratégia de uso da ironia. Bakhtin entende que houve uma negligência no tratamento dos gêneros discursivos por parte dos estudiosos, os quais enfatizavam apenas os gêneros literários, não os tipos de enunciado da comunicação concreta. Desde a antiguidade, o recorte dos gêneros tinha fundamento artístico-literário; já nas principais correntes da linguística contemporânea, o discurso é idealizado e o ouvinte não é compreendido como sujeito, mas sempre tomado como elemento passivo no fenômeno comunicativo (nesse caso, Bakhtin refere-se às linhas de pensamento opostas de Saussure e de Humboldt).

De maneira contrária, o pensador russo propõe que toda compreensão é “preche” de respostas e que não há passividade no ouvinte, pois, ao perceber e compreender o significado linguístico do discurso, o interlocutor ocupa uma posição responsiva: concorda, discorda, completa, aplica, prepara-se para usá-lo na formulação de uma resposta e não apenas dubla o pensamento do outro, como acreditavam as principais correntes da linguística até então. Segundo a classificação de Bakhtin, há gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos). Os primários se formam na comunicação discursiva imediata, enquanto os secundários são uma reelaboração combinada dos primários. Dessa forma, ele entende que a retórica transgride a alternância natural do diálogo; como expressão de técnica argumentativa, é uma forma elaborada de linguagem, portanto complexa.

A compreensão de Bakhtin sobre os gêneros do discurso foi fundamental para o desenvolvimento da noção da linguagem como “discurso” e para a superação dos procedimentos filológicos antigos, os quais exauriam a comunicabilidade dos textos e examinavam apenas a gramática e os efeitos retóricos-poéticos nas fontes escritas.

A metodologia da exegese histórico-crítica⁴ foi realizada desse modo, quando seu principal procedimento era a história das fontes, sobretudo com o estudioso do Antigo Testamento Julius Wellhausen (1844-1918). Posteriormente, o surgimento da história das formas foi uma tentativa de restaurar a comunicabilidade inerente do texto, com a proposta de que todo gênero [alem. *Gattung*] tem um *Sitz im Leben*, isto é, um contexto comunicativo original que moldou sua forma antes que se cristalizasse como gênero escrito.

É interessante observar que os gêneros do discurso de Bakhtin e os *Gattungen* de Gunkel são conceitos parecidos no que diz respeito à importância dada à oralidade e à comunicabilidade expressa nos gêneros; essa semelhança não é ocasional, mas se deve à influência recebida por ambos pela filosofia

⁴ Procedimento acadêmico de abordagem dos textos bíblicos, utilizado na Alemanha desde o séc. XVIII.

alemã. Apenas mais tarde estudiosos da história das formas do Novo Testamento deixariam de estudar as formas orais pré-literárias, substituindo-as pelo estudo das literárias, como se vê no procedimento de Klaus Berger. Ele assume renunciar à pré-história do texto ao afirmar que: “É preciso separar radicalmente a questão da pré-história oral de uma matéria ou de um texto (p. ex., como tradição) da questão do gênero literário e de sua história” (Berger, 1998, p. 16).

A relação entre os gêneros do discurso de Bakhtin e a História das Formas

Apesar do procedimento de Berger, os estudiosos que o antecederam valorizaram a oralidade das formas pré-literárias, como fora a ideia original de Gunkel. A exemplo disso, pode-se mencionar Rudolf Karl Bultmann (Bultmann, 2000) e Martin Franz Dibelius (Dibelius, 1971), que têm em comum com Bakhtin as influências do neokantismo de Marburg. Ambos os estudiosos abordam elementos muito próximos do que se infere que sejam considerações de Bakhtin sobre o gênero evangelho, compreendido entre os gêneros baixos da antiguidade, isto é, os gêneros sério-cômicos e rebaixados tratados nos textos “Da Pré-História do discurso romanescos” e “Epos e Romance”, textos que fazem parte da obra: *Questões de Literatura e Estética* (Bakhtin, 2010b).

Quatro elementos merecem ser mencionados para tornar mais clara a relação entre as concepções da história das formas, presentes nas ideias de Dibelius e Bultmann e de Bakhtin sobre os gêneros baixos. Também poderia ser incluída a relação dessas perspectivas com a concepção de gênero evangelho, desenvolvida pelos filólogos e críticos literários Erich Auerbach (Auerbach, 1998) e Northrop Frye (Frye, 1996) para apontar certa tendência de compreender o evangelho como discurso, não como realidade concreta.

Em primeiro lugar, menciona-se a ideia presente em Bultmann de que pela literatura, mais particularmente pela Bíblia, dá-se a formação [alem. *Bildung*] (Pikaza, 2000) da realidade para a cultura ocidental. Frye e Auerbach afirmam categoricamente que a Bíblia é um elemento fundamental para construção do imaginário ocidental, enquanto de Bakhtin se poderia aferir a mesma ideia, já que ele raramente cita textos bíblicos. Todavia, observa-se que, em sua opinião, a importância da literatura é central para o desenvolvimento da cultura: pode-se dizer que não há diferença entre literatura e cultura para Bakhtin.

Como segundo elemento, nota-se a relação clara do modo como Bultmann e Dibelius consideram que o gênero evangelho surge a partir da capacidade criativa da coletividade, transmitindo os valores do povo [alem. *Volksgeist*] (Pikaza, 2000) com a valorização que Bakhtin dá à cultura popular, como “massa coletiva imortal” (Gurevich, 2000, p. 85). Auerbach e Frye apreciam, também, a criatividade popular, muitas vezes em detrimento da criatividade artística canônica e das classificações propostas pelos tratadistas.

Em terceiro lugar, observa-se o paralelo entre a classificação do gênero evangelho como “literatura menor” [alem. *Kleinliteratur*] (Theissen, 2000, p. 448), feita por Dibelius e Bultmann, e a valorização dos gêneros baixos, nomeados por Bakhtin como “discurso pré-romanescos”, “gêneros sério-cômicos” ou “gêneros carnavalizados”. Essa valorização também se efetiva nas teorias de Auerbach e Frye sobre o desenvolvimento da história do romance.

Por último, indica-se que Dibelius e Bultmann realizaram análises estruturais (Pikaza, 2000) do evangelho. Ainda que tenham ligado sua pesquisa ao contínuo histórico e que não tenham sido

propriamente estruturalistas, é inegável que suas propostas de classificação valorizam a existência formal dos evangelhos sem ligação com o ambiente externo, como viria a criticar posteriormente Gerd Theissen (2000). De modo semelhante, os gêneros baixos descritos por Bakhtin, sobretudo os carnavalizados, não são contextualizados historicamente, mas são parte de um projeto teórico mais amplo, que traveste a história do desenvolvimento da consciência humana descrita na filosofia das formas simbólicas de Cassirer (2004, 2009, 2011).

Toda essa convergência sobre o evangelho entre a história das formas, segundo os estudos de Dibelius e Bultmann, e a história do romance, conforme as perspectivas de Auerbach, Frye e Bakhtin – apesar de que o único dos intelectuais mencionados que conheceu a obra dos outros foi Frye (no caso, apenas as obras de Dibelius e de Bultmann, não a de nenhum dos outros dois filólogos) –, permite fundamentar uma proposta de estudo sobre o gênero evangelho que integre as teorias de todos os lados: tanto Exegese quanto Filologia, tanto Teologia quanto Crítica Literária.

Mais algumas considerações

Fora do Brasil, ainda que a partir de outras perspectivas, a relação de Bakhtin com os Estudos de Religião e a Teologia propriamente dita é mais antiga, conforme atestam certas publicações (Mihailovic, 1997; Coates, 2004). Vale a pena destacar separadamente os trabalhos e as pesquisas na área de Exegese Bíblica que têm tomado os conceitos e teorias de Bakhtin como aporte teórico: Camey-Hoggatt (1992), Reed (1993), Boer (2007), Green (2007), Webb (2008), Nadella (2011).

Mesmo sem notar a origem comum que a história das formas e os conceitos de Bakhtin têm no Romantismo Alemão – como aqui se propôs –, no Brasil, pesquisadores têm se empenhado para desenvolver uma metodologia exegética ou um procedimento de leitura dos textos bíblicos que inclua os conceitos de Bakhtin como aportes teóricos.

Paulo Augusto de Souza Nogueira frequentemente tem incluído Bakhtin nas perspectivas para estudos na área de Linguagens da Religião (Nogueira, 2012, 2015a, 2015b); Rodrigo Franklin de Sousa em seu artigo em “A crítica da forma e o conceito bakhtiniano de gêneros discursivos”, que está inserido no livro “Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos” (Sousa; Leite, 2014) já havia relacionado os conceitos de Bakhtin com os da história das formas, além de ter proposto os conceitos do Círculo para estudos na área de Religião (Souza, 2014, 2015). Além disso, outros estudiosos na área de Ciências da Religião e Letras (Campos, 2015; Vito, 2015) têm igualmente utilizado as concepções bakhtinianas em suas pesquisas.

Adicionalmente, vários estudos do autor deste artigo encontram-se nesse grupo. São tentativas de usar os conceitos de Bakhtin aliados aos da Exegese Bíblica, nas seguintes publicações: “Ele está fora de si” (Leite, 2014e); “O Carnaval como Mito” (Leite, 2018); “A utilização do método socioideológico para estudos em Ciências da Religião e Teologia” (Leite, 2017); “O evangelho na fissura dos gêneros” (Leite, 2016); “Bakhtin para exegetas” (Leite, 2014b); “Aventuras e provações em Atos dos Apóstolos” (Leite, 2014a); “Paulo Satírico” (Leite, 2014c); “Reconhecimentos, um romance de aventura” (Leite, 2014d); e “Ele Está Fora de Si: discurso religioso e linguagem popular no Evangelho conforme Marcos” (Leite, 2019). A última obra indicada é uma tese de doutorado que apresenta uma discussão mais aprofundada sobre os assuntos discutidos no presente ensaio.

Em todos esses ensaios e reflexões, o propósito é contribuir com o desenvolvimento, ainda seminal, de um procedimento de leitura e análise da Bíblia que tenha Bakhtin e outros estudiosos da linguagem (por exemplo, Auerbach e Frye) como referenciais teóricos.

Ainda que atualmente não se tenha estabelecido um procedimento, os trabalhos supramencionados, realizados dentro e fora do Brasil, apontam para desenvolvimento em um futuro breve e levam a acreditar que novos parâmetros não dogmáticos de leitura da Bíblia estabelecer-se-ão, dando uma nova roupagem à chamada Exegese Bíblica.

Isso indica a reintegração de estudos de textos de gênero religioso à ampla área das ciências da linguagem, do mesmo modo como se deu o surgimento dos estudos não dogmáticos dos textos da Bíblia no fim do séc. XVIII, realizados pelos humanistas Lessing e Herder, nos quais se observa uma fonte comum para os estudos de teoria e história do romance e de Exegese Bíblica.

Conclusão

O ensaio apresentou, ainda que brevemente, o surgimento do conceito *Sitz im Leben*, cujo responsável pela elaboração e proposta de análise foi o biblista Hermann Gunkel, relacionado com o romantismo alemão através dos filósofos e teólogos Gotthold Ephraim Lessing e Johann Gottfried von Herder, reconhecidos como os primeiros a refletirem de forma não dogmática sobre a história dos evangelhos.

Em outro momento, foi abordado o conceito de gêneros do discurso, do estudioso russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, que também estava relacionado com a filosofia alemã. Em seu caso, particularmente com o pensamento de Marburg.

Em seguida, foram expostas as relações e as semelhanças existentes entre os teólogos que desenvolveram a proposta criada por Gunkel – a saber, Martin Franz Dibelius e Rudolf Karl Bultmann – e Bakhtin, contemporâneo deles. Nessa etapa, também foram correlacionadas as teorias de Northrop Frye e Erich Auerbach com as dos exegetas.

Por fim, foi apresentada uma breve revisão bibliográfica, indicando, primeiro, as publicações realizadas no exterior e, depois, no Brasil, as quais relacionam Bakhtin e Estudos de Religião e Teologia. O objetivo foi mostrar que essas áreas são correlatas e que é possível superar o estacamento dos domínios de conhecimento.

Referências

- Auerbach, E. *Figura* (Mínima Trotta). Madrid: Trotta, 1998.
- Bakhtin, M. M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.
- Bakhtin, M. M. *Questões de Literatura e de Estética* (A Teoria do Romance). 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2010b.
- Berger, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. (Coleção Bíblica Loyola, n. 23).
- Bezerra, P. Posfácio. In: Bakhtin, M. M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Edições 34, 2016. p. 151-170.
- Boer, R. (ed.). *Bakhtin and genre theory in biblical studies*. Society of Biblical Literature: San Antonio, 2007. Number 63.
- Bultmann, R. *História de la tradición sinóptica*. Salamanca: Sigueme, 2000.
- Camey-Hoggatt, J. *Irony in the Mark's Gospel: text and subtext*. Cambridge University Press, 1992.
- Campos, R. *O homem rico e Lázaro: as relações invertidas no Hades*. São Paulo: Editora Reflexão, 2015.
- Cassirer, E. *A filosofia das formas simbólicas: o pensamento mítico*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Tópicos, 2).

- Cassirer, E. *A filosofia das formas simbólicas: a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (Coleção Tópicos, 1)
- Cassirer, E. *A filosofia das formas simbólicas: fenomenologia do conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Coleção Tópicos, 3)
- Clark, K.; Holquist, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 293.
- Coates, R. *Christianity in Bakhtin: God and the exiled author*. New York: Cambridge University Press, 2004. Cambridge Studies in Russian Literature.
- Dibelius, M. *La Historia de las Formas Evangélicas*. Valencia: Intitución San Jeronimo, 1971. (Clásicos de la Ciencia Bíblica, 2).
- Dundes, A. *Morfologia e estrutura no conto folclórico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996. (Coleção Debates, 252)
- Frye, N. *El Gran Codigo: una lectura mitológica y literária de la Biblia*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1996.
- Green, B. Experiential learning: the construction of Jonathan in the narrative of Saul and David. In: Boer, R. (org.). *Bakhtin and genre theory in biblical studies*. Society of Biblical Literature, San Antonio 2007. Number 63.
- Gunkel, H. *Introducción a los Salmos*. Valencia: Edicep, 1993. (Clasicos de la Ciencia Bíblica, 1).
- Gurevich, A. Bakhtin e sua Teoria do Carnaval. In: Bremmer, J.; Roodenburg, H. *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000. p.83-92.
- Herder, J. G. V. *Philosophical writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 97. (Cambridge Texts in the History of Philosophy)
- Koester, H. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do Cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2005. v. 2, p. 44.
- Leite, F. B. Aventuras e proações em Atos dos Apóstolos. In: Sousa, R. F.; Leite, F. B. (org.). *Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014a. v. 1, p. 67-81.
- Leite, F. B. Bakhtin para exegetas: a hermenêutica do Carnaval. In: Sousa, R. F.; Leite, F. B. (org.). *Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014b. v. 1, p. 11-30.
- Leite, F. B. Paulo Satírico. In: Sousa, R. F.; Leite, F. B. (org.). *Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014c. v. 1, p. 83-100.
- Leite, F. B. Reconhecimentos, um romance de aventura. In: Sousa, R. F.; Leite, F. B. (org.). *Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014d. v. 1, p. 115-129.
- Leite, F. B. "Ele está fora de si": O evangelho conforme Marcos e a teoria da gênese do Romance de Mikhail Bakhtin. In: Sousa, R. F.; Leite, F. B. (org.). *Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014e. p. 45-54.
- Leite, F. B. O evangelho na fissura dos gêneros. In: Mosca, L. L. S. (org.). *Discurso religioso: possibilidades retórico-argumentativas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. v. 1, p. 27-40.
- Leite, F. B. A utilização do método socioideológico para estudos em Ciências da Religião e Teologia. In: Costa, J. C. L. (org.). *Linguagem, discurso e religião: diálogos e Interface*. São Carlos: Pedro & João editores, 2017. p. 9-30.
- Leite, F. B. O Carnaval como Mito. In: Leite, F. B.; Teles, J. E. (org.). *Hermenêuticas do Mito: ensaios sobre conceito, linguagem e imaginário*. Curitiba: Editora Prismas, 2018. p.13-34.
- Leite, F. B. "Ele Está Fora de Si": Linguagem popular e discurso religioso no Evangelho conforme Marcos. 2019. 308 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- Mihailovic, A. *Corporeal words: Mikhail Bakhtin's theology of discourse*. Northwestern University Press, 1997.
- Nadella, R. *Dialogue not dogma: many voices in the gospel of Luke*. London: Bloomsbury, 2011. (Library of New Testament Studies, 431).
- Nogueira, P. A. S. Religião como texto: contribuição da semiótica da cultura. In: Nogueira, P. A. S. (org.). *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012. p.13-30. (Coleção Estudos de Religião).
- Nogueira, P. A. S. Religião e ficcionalidade: modos de as linguagens religiosas versarem sobre o mundo. In: Nogueira, P. A. S. (org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015a. p.115-142. (Coleção Sociologia e religião).

- Nogueira, P. A. S. Traduções do intraduzível: a semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera. *Estudos de religião*, v. 29, n. 1, p. 102-123, 2015b.
- Pikaza, X. Prólogo. In: Bultmann, R. *História de la tradición sinóptica*. Salamanca: Sigueme, 2000. p.10-67.
- Propp, V. I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.
- Propp, V. I. *As raízes folclóricas do conto maravilhoso*. 2. ed. São Paulo: Martins Editora, 2003.
- Reed, W. L. *Word of the word: the Bible as literature according to Bakhtin*. New York: Oxford University Press, 1993.
- Sousa, R. F. Símbolos religiosos, signos e ideologia: contribuições do Círculo Bakhtiniano para estudo da religião. *Debates do NER*, ano 15, n. 26, p. 277-298, 2014.
- Sousa, R. F. Bakhtin e a interpretação do texto sagrado: alguns pontos fundamentais. In: Nogueira, P. A. S. (org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 201-216. (Coleção Sociologia e Religião).
- Sousa, R. F.; Leite, F. B. (org.). *Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 31-44.
- Theissen, G. Epílogo. In: Bultmann, R. *História de la tradición sinóptica*. Salamanca: Sigueme, 2000. p. 447-488.
- Vito, F. *Logos em luta: diálogo como artifício literário no Quarto Evangelho*. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.
- Webb, G. *Mark at the Threshold: applying bakhtinian categories to Markan characterization*. Leiden/Boston: Brill, 2008. (Biblical Interpretation Series, 95).

Como citar este artigo/How to cite this article

LEITE, F. B. Gêneros do discurso e *Sitz im Leben*: A origem comum e a relação entre os conceitos teóricos. *Reflexão*, v. 46, e214998, 2021. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v46e2021a4998>